



e-cadernos CES

31 | 2019

Crisis, Austerity and Health Inequalities in Southern European Countries

Debate sobre os fundamentos do conservadorismo

Debate on the Foundations of Conservatism

Rosana Mirales



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/4529>

DOI: 10.4000/eces.4529

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Rosana Mirales, « Debate sobre os fundamentos do conservadorismo », *e-cadernos CES* [Online], 31 | 2019, posto online no dia 15 junho 2019, consultado o 12 dezembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/4529> ; DOI : 10.4000/eces.4529



ROSANA MIRALES

DEBATE SOBRE OS FUNDAMENTOS DO CONSERVADORISMO

Resumo: O debate aqui proposto insere-se numa preocupação assumida em estudos anteriores quanto ao impacto da guinada conservadora no Serviço Social e inspira-se na obra de Josep Baqués, intitulada *El liberalismo-conservador. Fundamentos teóricos y recetario político ss. XVIII-XX*. Propõe-se, a partir do contributo do autor nesta obra, realizar uma análise comparativa das várias noções de ideologia – aspecto recorrente nas reflexões críticas desenvolvidas em estudos e pesquisas sobre os fundamentos do conservadorismo. A busca do entendimento sobre as metamorfoses adquiridas por esse pensamento social nos diferenciados contextos históricos é confirmada pela obra de Baqués, que identifica uma tendência de aproximação do conservadorismo ao liberalismo.

Palavras-chave: conservadorismo, fundamentos, liberalismo, política, teoria.

DEBATE ON THE FOUNDATIONS OF CONSERVATISM

Abstract: The debate proposed here is part of a concern assumed in previous studies about the impact of the conservative shift on social work and it is inspired by Josep Baqués's study, *El liberalismo-conservador: Fundamentos teóricos y recetario político ss. XVIII-XX*. Based on Baqués's contribution, this article presents a comparative analysis of the notions of ideology – a recurring aspect in critical reflections in studies and research on the foundations of conservatism. The search for an understanding of the metamorphoses of this form of social thought in different historical contexts is confirmed by Baqués' work, which identifies a tendency for conservatism to move closer to liberalism.

Keywords: conservatism, foundations, liberalism, politics, theory.

INTRODUÇÃO

Em estudos mais recentes, propusemo-nos compreender o conservadorismo e as formas por que esse pensamento social e essa ideologia influenciam o Serviço Social, por ser nossa área de atuação e pesquisa (Miraes, no prelo). Sintetizando muito, o conservadorismo influencia o Serviço Social, desde logo, através da reconfiguração das políticas de ensino superior, o que, na situação brasileira, aos poucos modifica a oferta dos

cursos presenciais para a modalidade a distância e, nesse processo, pode-se identificar a clara preocupação com a diplomação, que não assegura a formação qualificada que a complexidade do trabalho com as políticas sociais exigem. Esse processo força também a reorientação dos conteúdos da formação profissional em favor do processo imposto pelo Estado neoliberal, que adota, sem questionar, as determinações das agências financiadoras externas, as normas para o pagamento da dívida externa e os ajustes fiscais necessários para o andamento da economia do país (Lima, 2002). Embora as entidades que representam os assistentes sociais sintam o impacto do atual contexto regressivo, pode-se dizer que isto ocorre sem as atingir diretamente em sua direção social, por evidenciar o desenvolvimento e as posturas dessas entidades, a contraposição ético-política ao conservadorismo. Contudo, o conservadorismo corrói a sua orientação ético-política, na medida em que contribui para a formação de assistentes sociais no quadro de outra concepção teórico-filosófica que se distancia de uma perspectiva teórico-crítica, e isso com fortes repercussões nas dimensões técnico-operativas da profissão.

Neste texto, toma-se, como questão de fundo, a regressividade cultural vivenciada no atual contexto histórico, procurando reavaliar e atualizar os debates sobre o conservadorismo e o seu impacto nas instituições democráticas. Foram incorporadas categorias analíticas que compreendem o conservadorismo como parte do processo de uma “tendência geral da decadência ideológica” (Lukács, 1981: 112) da burguesia que, na segunda metade do século XX, se configurou como a “miséria da razão” (Coutinho, 2010: 44), se revelou complacente com a continuidade do projeto societário baseado num modo de produção que gera desigualdades insuportáveis e recorre ao moralismo como forma de coação sobre a liberdade. Não há condições de esclarecer os argumentos de tais autores em torno do debate, entretanto, tal perspectiva indica um caminho profícuo de análise sobre o pensamento conservador como uma expressão cultural própria da sociabilidade capitalista.

Nos levantamentos e nas seleções bibliográficas realizados acerca daqueles debates, identificamos muitos autores em várias áreas do conhecimento que se dedicaram ao estudo do conservadorismo. De entre eles, destacamos o cientista político Josep Baqués que tem contribuído, mais recentemente, para uma síntese das trajetórias do pensamento conservador e, em particular, para a compreensão da atual configuração da associação do pensamento conservador com o pensamento liberal. O primeiro texto identificado do autor foi *El neoconservadurismo: fundamentos teóricos y propuestas políticas*, publicado em 2000, que, pode-se dizer, teve a continuidade naquele lançado em 2017, intitulado *El liberalismo-conservador. Fundamentos teóricos y recetario político ss. XVIII-XX*, do qual se apresenta aqui uma análise, com vista a contribuir para o debate necessário sobre o tema.

Os referenciais teórico-metodológicos adotados por Baqués aproximam-se da teoria social de Max Weber. Baqués busca, por meio da análise de autores previamente selecionados pelas suas posturas conservadoras, a construção de variáveis e de tipos ideais. O que se pretende, neste texto, é expor a obra de Baqués (2017), dada a sua relevância para os estudos sobre o conservadorismo e, posteriormente, apresentar alguns contributos para a análise teórico-metodológica de uma categoria relevante no contexto da obra, que é a ideologia.

O LIBERALISMO-CONSERVADOR: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E RECEITUÁRIO POLÍTICO DESDE O SÉCULO XVIII

O livro de Baqués, lançado em 2017, enfatiza a continuidade histórica na formulação, na ação política e nas formas de influenciar a realidade e a cultura, por meio da difusão de valores morais do conservadorismo. Essa continuidade histórica, segundo o autor, faz-se apesar das diferentes posturas dos autores que articulam esse pensamento social, através de referenciais comuns entre os conservadores que, embora modificados ao longo do tempo, se reafirmam em argumentações que sedimentam a sua rearticulação nesse mesmo tempo. Isto é o que o autor denomina fundamentos teóricos, ou seja, aquilo aqui se entende, com base nos referenciais da tradição marxiana, o cimento que sustenta a parede histórica da apologia burguesa ao modo de produção.

A hipótese que proponho (a primeira hipótese desta pesquisa), em relação aos seus argumentos, é que o conservadorismo moderno tem um “núcleo duro” doutrinário suficientemente compacto e homogêneo como para poder falar de que estamos ante uma ideologia consolidada. Portanto, o meu trabalho consistirá na busca e descoberta, quando apropriado, do que poderíamos definir como o “denominador comum” de todas estas correntes. (Baqués, 2017: 57; itálico no original)¹

O autor move-se pelo objetivo de compreender o conservadorismo contemporâneo, em particular o americano e, para isso, remete para a trajetória dos principais formuladores desse pensamento, deixando clara a sua perspectiva de análise: “Mas, por outro lado, recuso-me a pensar o conservadorismo moderno prestando atenção apenas a autores e obras escritos no contexto da crise do petróleo dos anos setenta [do século XX]” (*ibidem*: 50), e segue com a argumentação:

¹ As traduções da obra de Baqués foram realizadas pela autora.

[...] a **segunda hipótese** a ser demonstrada nesta análise é que as verdadeiras raízes do conservadorismo moderno devem ser buscadas em algum ponto na “encruzilhada liberal-conservadora”, uma encruzilhada que existe há quase três séculos e que, muito particularmente, pode ser encontrada no seio da Ilustração escocesa. (Baqués, 2017: 62; itálico e negrito no original)

Em outras palavras, o autor propõe-se realizar uma radiografia da ideologia liberal-conservadora. Baqués analisou o pensamento de seis autores clássicos, situados entre os séculos XVIII e XIX, e seis contemporâneos, do século XX. A partir do posicionamento desses autores procurou construir um tipo ideal, no sentido weberiano, buscando chegar ao que considera o “núcleo duro” do conservadorismo. E, sem perder de vista as especificidades, propôs-se a demonstrar as pequenas diferenças dos diversos autores, afirmando não haver contradição entre elas. Aos autores considerados clássicos – David Hume, Adam Smith e Adam Ferguson – adicionou pequenos detalhes da obra de Edmund Burke e Alexis de Tocqueville, e considerou que o pensamento político de Herbert Spencer remete para as ideias libertárias num quadro que classificou de anarco-capitalismo ou anarquismo “de direita”. Entre os contemporâneos, considerou como sendo conservadores Friedrich Hayek, Michael Oakeshott, Michael Novak e Irving Kristol e como libertários ou anarco-capitalistas Robert Nozick e Murray N. Rothbard.

Tendo em conta essa tipificação para situar o posicionamento dos conservadores, Baqués acredita ser possível demonstrar a continuidade entre clássicos e contemporâneos e, também, os fundamentos teóricos desse pensamento social. De um lado, ele situou os defensores do liberalismo social e, de outro, as formas de expressão mais recentes, como os neoconservadores americanos, como o movimento Tea Party – organizado no interior do Partido Republicano nos Estados Unidos da América – e/ou os populismos “de direita”, salientando os elementos que dão continuidade à “cosmovisão” ou à ideologia conservadora.

O objetivo principal da obra de Baqués (2017) é demonstrar que há autores que podem ser diretamente definidos como liberais-conservadores e que o liberalismo-conservador contém um corpo teórico suficientemente denso para ser considerado uma ideologia capaz de colocar perguntas e oferecer respostas que competem com alternativas como o liberalismo social ou radical, a social democracia, o comunismo, o fascismo, etc. O segundo objetivo é demonstrar que o liberalismo-conservador não é uma mera reação contra a ideia de progresso. As origens do liberal-conservadorismo remontam à Revolução Francesa e podem, pois, ser vistas como derivadas de outra postura, que oferecia uma leitura própria de natureza humana, da filosofia da história, da liberdade ou da igualdade, dos valores e do papel do Estado na vida das pessoas.

A análise do pensamento dos autores fez-se a partir de um conjunto alargado de variáveis, capazes de configurarem um tipo ideal de liberalismo-conservador: 1) filosofia da história, 2) racionalismo e política, 3) moral universal versus morais contextualizadas, 4) teoria do direito, 5) democracia, 6) papel do Estado (relação entre Estado e mercado) e 7) sistema de transmissão de valores. A partir delas, Baqués faz uma análise comparativa entre os seis autores clássicos e os seis contemporâneos, considerando que as três primeiras variáveis respondem aos fundamentos teóricos adotados pelos autores, a quatro e a cinco aos valores nucleares da ideologia, e a seis e a sete a questões relativas à prática política.

Sem detalhar os pormenores da análise realizada pelo autor, tentamos expor a sua síntese, quanto à definição de tipo ideal do liberalismo-conservador. Em relação à segunda hipótese, ou seja, as verdadeiras raízes do conservadorismo moderno, Baqués considera que ela pode ser demonstrada em dois sentidos: no tempo e no espaço, ou seja, observa coincidências nas obras de Hume, Hayek e Kristol; ou como elementos de continuidade entre aqueles que foram, por ele, considerados “ilustrados escoceses” conservadores, e os modernos, como, de um lado, Hume, Adam Smith e Adam Ferguson e, de outro, Hayek, Oakeshott, Kristol e Novak.²

Detalhando um pouco mais a análise de Baqués (2017: 538) quanto à primeira hipótese, que o conservadorismo moderno se constituiu como uma ideologia consolidada, ele mostra existir um núcleo comum compartilhado entre as diferentes famílias ideológicas que compõem o conservadorismo moderno. Entre os autores, identifica mais os elementos que os unem do que os que os diferenciam e estes não afetam o modelo de sociedade defendido por todos. Nas seis primeiras variáveis analisadas, indica Baqués serem comuns vários elementos de conexão no que concerne aos aspectos teóricos e, também, da ação política. Quanto à variável 7, todos adotam um discurso que serve, nas palavras de Baqués, como “cimento social”, embora em Kristol e Novak estejam mais presentes os argumentos de uma “crise moral”, do que em Hayek e Oakeshott. Na sequência da análise, Baqués interroga-se se o pensamento é “liberal” ou “conservador” e responde que é ambas as coisas:

² No que diz respeito a Burke, Baqués destaca que existe um encadeamento entre ambos os discursos conservador e liberal. Quanto a Tocqueville, ele considera o seu pensamento um “denominador comum”, quando tomadas para análise as variáveis mais orientadas para a prática política (3, 4, 5, 6 e 7), e considera que, com as alterações que o próprio autor promoveu na sua obra, relacionadas com a providência e a negação do cartesianismo no âmbito político, tornou-se um “pensador-ponte” entre o conservadorismo e o liberalismo. Spencer, por sua vez, distancia-se de vários pensadores que foram considerados para análise, nas variáveis 1, 3 e 7. Contudo, há coincidências relativas às variáveis 2, 4 e 6, e diferencia a sua análise quanto à variável 5.

[...] uma ideologia “liberal-conservadora” é capaz de integrar desde o início [...] elementos próprios dessas duas grandes caixas de alfaiate [algo onde cabe tudo]. E não apenas, como se foi vendo, no que diz respeito à questão de buscar a “moral mais adequada para o capitalismo”, mas também, é claro, em relação às outras questões levantadas, sem exceção. (*ibidem*: 539)

Baqués destaca, na análise das variáveis adotadas, o distanciamento dos libertários. Em Rothbard, tal distanciamento dá-se nas variáveis 1, 2, 3, 5 e, em parte, nas 6 e 7, sendo que identifica, às vezes, aproximações de alguns autores classificados nessa perspectiva, nas variáveis 4 e 6. Em Nozick, há maior aproximação ao liberalismo-conservador e, mesmo considerando que no passo a passo da análise seja difícil demonstrar, há aproximações a Hayek.

Portanto, para Baqués, há evidentes afinidades em nove dos autores analisados, que podem ser considerados próximos do liberalismo-conservador. Quanto a Spencer, há reservas nesse sentido; Nozick mostra ter pontos de coincidência; e em Rothbard existe um maior distanciamento, o que permite concluir que as maiores aproximações se dão entre os autores que não são considerados libertários.

Tendo em vista, então, a aproximação entre os clássicos Burke e Tocqueville, assim como entre os contemporâneos Hayek, Oakeshott, Kristol e Novak, e a aproximação em alguns pontos de Spencer e Nozick, Baqués explicita o tipo ideal construído sobre o liberal-conservadorismo, apontando as seguintes características:

- alguma defesa da teoria da evolução, com certa tendência para uma visão “naturalista”, o que, supostamente, retiraria a possibilidade de um posicionamento político;
- visão do ser humano como ignorante por natureza, descarte da possibilidade de decisões racionais; mas admissão do uso de uma racionalidade instrumental que leve o ser humano a uma melhor adaptação aos fins predeterminados, derivados do processo evolutivo;
- teoria do direito baseada na primazia da propriedade privada, da liberdade negativa e da igualdade perante a lei;
- moral e direito referenciados na retórica dos direitos naturais; e relativismo moral com base na procura de uma proximidade com o jusnaturalismo e o positivismo;
- suspeita da incompatibilidade entre democracia e proteção dos direitos e/ou instituições responsáveis pela ordem espontânea da evolução, com aceitação formal da democracia representativa e recusa de qualquer prática participativa;
- quanto ao Estado, por um lado, há perspectivas que recusam a justiça social e desautorizam práticas redistributivas, apelando à benevolência privada de cunho

caritativo; em geral, admissão das ajudas públicas aos pobres que não podem valer-se a si próprios, estendendo-se a ajuda, às vezes, a todos os indivíduos que necessitam. Porém, quando ocorre essa segunda postura, as ajudas não se justificam pelo respeito a direitos desses sujeitos, mas pela salvaguarda dos direitos dos demais, perante possíveis atos de “desespero” daqueles;

- apelo às religiões e ao nacionalismo, o que reforça a “moral capitalista”.

Baqués destaca que a relação existente entre o moderno conservadorismo e essas práticas é meramente instrumental. Delas resultam uma dupla função: atuam como “cimento social”, para garantir a paz social, inclusive em crises prolongadas e contribuem para diminuir o impacto que o excesso de individualismo, hedonismo/consumismo tem sobre a “moral capitalista”. Para alguns autores analisados, a continuidade do capitalismo depende da sobriedade e do controle moral requeridos.

ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS DO CONSERVADORISMO E IDEOLOGIA

Uma questão em particular merece ser considerada na leitura da obra de Baqués (2017): a da sua remissão aos entendimentos do liberalismo-conservador como ideologia, ou seja, como *cosmovisão (Weltanschauung)* ou visão de mundo. Nesse sentido, chamamos a atenção ao amplo debate que envolve a questão. Referimo-nos a Iasi, que recupera esse debate desde as formulações de Hegel sobre os processos de externalização, a partir do qual se tornou evidente, na relação entre o que se configura como objetivo e subjetivo, ocorrer um processo de estranhamento, isto é:

Nossa consciência se externa na efetividade do mundo fora de nós, mas o idealismo objetivo de Hegel, compreende esta efetivação (*Verwirklichung*) da consciência no mundo como algo real (uma efetividade inabalável) que ganha uma independência em relação à consciência mesma que o produziu, levando, necessariamente, ao processo de estranhamento. (Iasi, 2014: 98)

Indica Iasi (2014), que os avanços de Marx e Engels quanto a mesma questão, deram-se por terem decifrado que nem toda objetivação e externalização implicam o estranhamento, atribuindo então a sua explicação, na sociedade capitalista, à mercadoria. Logo, a questão do estranhamento, nessa perspectiva, não está situada na consciência humana, mas na objetividade das relações.

Ainda segundo Iasi (*ibidem*: 101), Marx e Engels também demonstraram que “Os seres projetam as suas representações para fora de si mesmos e elas acabam se voltando contra eles como uma força estranha que os controla”, o que exige compreender os indivíduos como seres sociais, inseridos em determinadas forças produtivas e relações sociais de

produção. Nesse sentido, o debate levado por Marx (1997) que desloca a análise da religião para o Estado, demonstrando que nas relações de produção, mediadas pela mercadoria, ocorre um movimento que às vezes gera a inversão das explicações sobre a realidade: “Fica evidente que os autores não tratam a ideologia como mero conjunto de representações ideais, ou uma visão de mundo, mas como uma inversão” (Iasi, 2014: 103). Quanto ao estranhamento resultante do processo, Iasi analisa que o fundamento do caráter histórico do ser social e das suas dimensões ontológicas produzem novas necessidades e, também, se associam a determinada forma de produção da vida e, nesse contexto, apresentam singularidades em sua existência.

A linguagem e a consciência podem ser tomadas como momentos constitutivos da singularidade humana, pois, nesse âmbito, operam as distinções entre as dimensões materiais e espirituais. Ocorrem os “reflexos ideológicos” ou “sublimações necessárias”, em que a consciência se emancipa do mundo. Assim, as representações “[...] expressam uma necessidade, mesmo e principalmente, através de seu caráter de inversão, de ocultamento, de estranhamento” (*ibidem*: 106) e, portanto, há uma distinção entre as formas de consciência e a ideologia, o que leva Iasi a compreender, que para Marx e Engels, “toda ideologia é uma forma de consciência; no entanto, nem toda forma de consciência é ideológica” (*ibidem*).

Nesse sentido, a ideologia presente na estratégia conservadora, a nosso ver, é a base de sustentação histórica, como força política, de reprodução e de ampliação do capital, ou, como de uso frequente entre marxianos, constitui-se em uma apologia burguesa à continuidade histórica do capitalismo. Portanto, o entendimento do pensamento conservador, como movimento que se articula no contrário das conquistas possíveis postas na modernidade, torna-se para nós mais consistente. Conforme Baqués demonstra, os elos comuns entre o pensamento conservador, apresentado pela análise dos autores que compõem o quadro histórico de sua trajetória, revelam uma doutrina coerente. Posto na Revolução Francesa, no final do século XVIII, tal pensamento social articula-se e reproduz-se historicamente na proximidade, maior ou menor, com o liberalismo, de acordo com as necessidades históricas conjunturais e o que se revela mais ou menos evidenciado nas posturas de um ou outro autor situado nesse pensamento social.

Assim, compreender tal movimento como um processo que compõe a decadência burguesa, parece-nos bastante apropriado, visto que o seu caráter reacionário aos avanços do desenvolvimento se fundiu com as justificativas da continuidade histórica do capitalismo. A burguesia abriu mão das conquistas do Iluminismo para seguir em conjunto com forças que, em primeiro momento, tentaram aniquilar o desenvolvimento histórico de uma determinação posta na transição do modo de produção feudal ao capitalismo. A base de sustentação de tal pensamento constitui-se nas forças produtivas; entretanto,

conservadores e liberais lançam mão reiteradamente, ao longo dos séculos, de argumentos situados no plano da linguagem e da consciência, operando com recursos como aqueles adotados nas argumentações assentes nos moralismos, como estratégia de sustentação da sociabilidade burguesa. Porém, a consciência é fruto da situação objetiva de sua condição.

E para seguir com as argumentações sobre ideologia, Löwy defende que “[...] existem poucos conceitos na história da ciência social moderna tão enigmáticos e polissêmicos quanto o de ‘ideologia’ [...]” (1998: 9-10). Para dizer de forma simples, o autor explica, demonstrando a invenção do termo ideologia por Destutt de Tracy, em 1801; a sua adoção por Napoleão Bonaparte; e a forma como Lenine a difundiu: “[...] a ideologia designa o *conjunto* das concepções de mundo ligadas às classes sociais, *incluindo o marxismo*” (Löwy, 1998: 10; itálicos no original). Löwy destaca ainda a confusão e ambivalência ocorrida no debate sobre ideologia, não só no debate entre autores, nos seus posicionamentos, podendo inclusive se encontrar tal ambivalência em uma única obra.

Quando Löwy analisa a obra *Ideologia e Utopia* de Karl Mannheim, ele discorda sobre a forma como foram reunidas as duas categorias e ambas consideradas como “falsa consciência”,³ entretanto, considera que a forma como Mannheim entende ideologia: “[...] uma forma de pensamento orientada para a reprodução da ordem estabelecida” (1998: 11) parece ser apropriada por conservar a dimensão crítica do termo, como em Marx. O autor conclui que o que Mannheim considerou “ideologia total” – e que pode ser ideológico ou utópico –, corresponde ao conceito de *Weltanschauung*, ou seja, a uma visão social de mundo, pois,

[...] o que ele [Mannheim] designa não é, por si só, nem “verdadeiro” nem “falso”, nem “idealista” nem “materialista” (mesmo sendo possível que tome uma destas formas), nem conservador nem revolucionário. Ele circunscreve um conjunto orgânico, articulado e estruturado de valores, representações, idéias e orientações cognitivas, internamente unificado por uma *perspectiva* determinada, por um certo *ponto de vista* socialmente condicionado. (*ibidem*: 12-13; itálicos no original).

E para finalizar, Löwy acrescenta que, ao Mannheim incorporar social ao conceito ideologia, retira a possibilidade de ser entendido na relação com o cosmos ou à natureza enquanto tais, mas ao “[...] conjunto relativamente coerente de idéias sobre o homem, a sociedade, a história, e sua relação com a natureza”; e assim sendo, a visão de mundo

³ “Quanto ao conceito de “falsa consciência”, este nos parece inadequado porque as ideologias e as utopias contêm, não apenas as orientações cognitivas, mas também um conjunto articulado de valores culturais, éticos e estéticos que não substituem categorias do falso e do verdadeiro.” (Löwy, 1998: 12).

liga-se “[...] aos interesses e à situação de certos grupos e classes sociais” (*ibidem*: 13). Por isso, as visões de mundo podem ser ideologias e podem combinar-se a elementos utópicos, pois em dado conjuntura pode ser utopia e em outra circunstância histórica, manifestar-se como ideologia.

Observa-se, portanto, primeiro, que o liberalismo-conservador estudado por Baqués (2017) constitui uma das estratégias ideológicas que justificam a ampliação das relações sociais de produção em bases capitalistas; e, depois, que as consequências nefastas que o neoliberalismo trouxe e continua a trazer, assumem, na atual conjuntura, uma hegemonia que o conduz de forma conservadora e também reacionária.

ROSANA MIRALES

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo,
Rua da Faculdade, 645 – Jardim La Salle, CEP: 85903-000, Toledo-Paraná, Brasil
Contacto: mirales_ro@hotmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baqués Quesada, Josep (2000), *El neoconservadurismo: fundamentos teóricos y propuestas políticas*. Barcelona: Anagrafic.
- Baqués, Josep (2017), *El liberalismo-conservador. Fundamentos teóricos y recetario político*, ss. XVIII-XX. Barcelona: Thomson Reuters.
- Coutinho, Carlos Nelson (2010), *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular.
- Iasi, Mauro Luis (2014), “Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais”, in Marcos del Roio (org.), *Marx e a dialética da sociedade civil*. São Paulo/Marília: Cultura Acadêmica Editora, 95-124.
- Lima, Kátia Regina de S. (2002), “Organismos internacionais: o capital em busca de novos campos de exploração”, in Maria Lúcia Wanderley Neves (org.), *O empresariamento da Educação. Novos contornos do Ensino Superior no Brasil nos anos 1990*. São Paulo: Xamã, 41-64.
- Löwy, Michael (1998), “Introdução”, in *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 7-14 [6.ª ed.].
- Lukács, Georg (1981), “Para uma crítica marxista da sociologia”, in *Sociologia*. São Paulo: Ática, 109-172. Tradução de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho.
- Marx, Karl (1997), *Para a questão judaica*. Lisboa: Avante.
- Mirales, Rosana (no prelo), “A produção teórica sobre o conservadorismo no Serviço Social”, *Praia Vermelha*, 29(2), 715-740.